
CONCEÇÕES DE ADOLESCENTES DOS 10 AOS 18 ANOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

YOUNG PEOPLE CONCEPTIONS ON SEXUALITY AND SEX EDUCATION

Susana Marinho ¹; Zélia Anastácio ²

¹ CIEC, Instituto da Educação, Universidade do Minho / profmarinho@gmail.com

² CIEC, Instituto da Educação, Universidade do Minho / zeliap@ie.uminho.pt

RESUMO

A Lei n.º 60/2009 e a Portaria n.º 196-A/2010 regulamentam a aplicação da Educação Sexual (ES) em meio escolar tornando obrigatória a sua abordagem desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) até ao Ensino Secundário. Contudo, muitos projetos de ES não consideram as necessidades do seu público-alvo, o que limita a sua eficácia. Neste trabalho procuramos averiguar concepções e necessidades de adolescentes relativamente à ES, para delinear uma intervenção adequada às suas necessidades. Para tal elaborámos um questionário para aplicação a discentes de 2.º e 3.º CEB, de um agrupamento de escolas do concelho do Porto. Para que o questionário se adequasse plenamente aos propósitos desta investigação optámos por ser nós a construí-lo e validá-lo, através de um estudo piloto. Os questionários foram preenchidos *on-line* e os dados obtidos foram tratados estatisticamente recorrendo ao programa informático SPSS. Responderam 397 alunos (192 do sexo feminino e 205 do sexo masculino). A média de idades dos respondentes foi de 13 anos, tendo os mais novos 10 anos e os mais velhos 18. Relativamente à distribuição dos alunos pelos diferentes anos de escolaridade, 85 frequentavam o 5.º ano, 84 estavam no 6.º ano, 55 estudavam no 7.º ano, 95 no 8.º ano e 78 frequentavam o 9.º ano de escolaridade. Obtivemos dados sobre os temas que mais lhes interessam, encontrando relações de dependência significativa entre alguns dos temas apresentados e o sexo dos alunos. Encontramos também diferenças nas respostas dadas pelos alunos de 2.º e de 3.º CEB sobre o papel da escola na ES. Verificámos que as fontes de informação a que os alunos recorrem são variadas e que a preferência por determinadas fontes de informação varia consoante o nível de ensino que estes alunos frequentam, bem como com o género a que pertencem. Pensamos, e temos evidências bibliográficas, que um projeto de ES que considere as necessidades e concepções do seu público-alvo poderá envolvê-lo mais facilmente nas suas atividades.

Palavras-chave: *educação sexual, concepções, questionário.*

ABSTRACT

The Portuguese Law n.º 60/2009 and the Ministerial Order n.º 196-A/2010 regulates Sex Education (SE) implementation in schools and makes it compulsory from elementary to secondary school levels. However, many SE projects do not consider the needs of their target audience, which limits their effectiveness. In this work we sought to determine youth conceptions and needs on SE, to design a proper intervention. Thus we developed a questionnaire for second and third cycle of education students from an Oporto school. We chose to build our own questionnaire in order to fit it to our methodology and we validated it with a pilot study. Questionnaire was filled online and data obtained was processed with SPSS statistical software. The questionnaire was responded by 397 students (192 females and 205 males). The average age of the respondents was 13 years. The youngest was 10 years old and the older was 18. Regarding the distribution

of students by different school years, 85 of them were at the 5th degree, 84 were in the 6th, 55 were studying at the 7th, 95 in 8th, and 78 were attending the 9th degree. We obtained data about the issues that matter most to them and we found significant dependency relations among some of the presented issues and the gender of students. We found differences in the responses given by students with different ages about the school role in SE. We also found that the students use many sources of information on sexuality and that the preference for certain sources of information varies according students' level of education as well as their gender. We think, and we have bibliographic evidence, that a SE project that considers the needs and the conceptions of its target audience will easily engage students in its activities.

Keywords: *sex education, conceptions, questionnaire.*

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Jones (2011), a política sexual está a mudar a nível global, nacional e mesmo local e esses movimentos afetam os discursos de Educação Sexual (ES) nas políticas educativas. No entanto, para esta autora, as mudanças operadas nem sempre se traduzem num repensar das abordagens da ES e, por vezes, a tendência é seguir por políticas mais conservadoras.

Também em Portugal, a temática da ES em Meio Escolar foi novamente alvo de regulamentação (Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto e Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de Abril), a qual voltou a reforçar a sua obrigatoriedade desde o 1.º até ao 12.º ano de escolaridade.

Uma vez que a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes é um importante contributo para a sua formação pessoal e social e uma vez que estes passam um tempo significativo na escola, esta constitui-se como um lugar privilegiado para a concretização da ES (Ramiro e colegas, 2011). Além disso, no nosso país, optou-se por incluir a ES na área da Educação para a Saúde, o que, segundo o Grupo de Trabalho em Educação Sexual (GTES), não pretende reduzir a sexualidade a uma visão mecanicista, biológica e sanitária. Antes, procura sublinhar o carácter fenomenológico, holístico e cultural de um conceito abrangente de saúde, tal como tem vindo a ser apresentado e proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde o final da década de 70, quando este conceito se alargou, passando a incluir, “além de aspetos biológicos, questões relacionadas com a perceção de competência e participação na vida social, com a sensação de pertença e apoio do grupo social, atribuindo às relações interpessoais um papel de importância reforçada” (GTES, 2007:6). Assim, a Educação Sexual (ES) deve procurar não só atenuar os comportamentos de risco, tais como a gravidez não desejada e as doenças sexualmente transmissíveis, mas também promover a qualidade das relações interpessoais, a qualidade da vivência da intimidade e a contextualização destas na sua raiz cultural e socio-histórica.

Também na opinião de Vilar e Ferreira (2008), uma melhor ES diminui alguns aspetos negativos na vivência das relações sexuais, proporcionando uma vivência mais gratificante das mesmas. Além disso, tende a estar positivamente associada a alguns comportamentos preventivos e a uma maior capacidade de pedir ajuda quando necessário. Estes autores acrescentam ainda que a ES não antecipa o início das relações sexuais e tende a ser mesmo fator de algum adiamento.

No entanto, segundo Allen (2007; 2008) há, frequentemente, um hiato entre a perceção da escola sobre a sexualidade dos seus estudantes e as realidades vividas por estes. Isto conduz a que, muitas vezes, os projetos de ES implementados nas escolas sejam elaborados tendo por base a perceção que os adultos têm das necessidades dos jovens, o que nem sempre coincide com as reais necessidades destes. Muitos dos discursos sobre sexualidade, produzidos em meio escolar, podem ser problemáticos, uma vez que, em última análise, servem apenas para não reconhecer os jovens como sujeitos sexuais e, conseqüentemente, despojá-los da capacidade necessária para cuidar do seu bem-estar sexual. Também Kirby e seus colaboradores (2006) se referem à importância do envolvimento dos jovens na planificação dos projetos de ES de que serão o público-alvo, para que a sua implementação seja eficaz. Mason (2010), num estudo realizado em duas escolas primárias do Reino Unido, concluiu que os alunos de 10 e 11 anos do século XXI requerem uma ES abrangente e interativa, proporcionada através de uma pedagogia flexível que permita às crianças compreenderem as mudanças que enfrentam relativamente aos seus corpos, relacionamentos e sexualidades. Para MacDonald e colegas (2011), os jovens requerem intervenções efetivas, que respondam às suas circunstâncias específicas e necessidades únicas.

Tendo como referência o enquadramento teórico até aqui apresentado procuramos, com este trabalho,

averiguar concepções e necessidades de adolescentes dos 10 aos 18 anos relativamente à ES, para delinear uma intervenção em meio escolar adequada às suas necessidades.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para identificar as concepções e as necessidades dos alunos em matéria de ES elaborou-se um questionário para aplicação a discentes de 2.º e 3.º CEB, de um agrupamento de escolas do concelho do Porto.

Para que o instrumento de recolha de dados – questionário - se adequasse plenamente aos propósitos desta investigação optámos por ser nós a construí-lo e validá-lo (através de um estudo piloto), considerando as orientações de Ghiglione e Matalon (1993). O teste piloto consistiu na aplicação do questionário a 50 alunos (oito do 5.º, 6.º e 7.º anos de escolaridade, onze do 8.º ano e 15 do 9.º ano), que frequentavam o agrupamento de escolas onde estava a decorrer a investigação, na presença de uma das investigadoras, que anotou o tempo de resposta ao questionário e as questões colocadas pelos alunos, nomeadamente, palavras, frases e conceitos que estes não percebiam, tendo-as substituído, no questionário final.

O questionário incluiu, assim, questões abertas e questões fechadas, sendo esta opção a mais adequada na obtenção de informação qualitativa para complementar e contextualizar informação quantitativa (Hill & Hill, 2000). O questionário foi disponibilizado para preenchimento *on-line*, contendo no total 26 questões, das quais 20 fechadas e 6 abertas. As questões colocadas abrangiam as seguintes variáveis: ano de escolaridade, sexo, idade, participação em atividades de ES, avaliação e grau de esclarecimento das mesmas, conceito de sexualidade, fontes de informação sobre sexualidade, início da ES em meio escolar, papel da escola na ES, elementos responsáveis pela ES, papel da ES no desenvolvimento de crianças e jovens, temas de sexualidade sobre os quais gostavam de saber mais, autoestima, resiliência e assertividade.

Os dados resultantes do questionário foram tratados estatisticamente (Guiglione & Matalon, 1993), recorrendo ao programa informático SPSS. De modo a encontrar relações entre variáveis recorreu-se ao qui-quadrado e a medidas de associação baseadas no qui-quadrado, nomeadamente ao Phi, ao C de Pearson e ao coeficiente V de Cramer. Recorreu-se, ainda, ao teste t simultâneo para mais de uma média, uma vez que tendo a nossa escala ordinal mais do que três categorias, podia ser sujeita a tratamento quantitativo.

A amostra abrangeu 397 alunos, dos quais 192 do sexo feminino (48,4%) e 205 do sexo masculino (51,6%). Foi constituída por todas as turmas do 2.º e 3.º CEB do agrupamento de escolas onde se realizou este estudo, com exceção das turmas que integravam os alunos escolhidos para responderem ao teste piloto do questionário. Foi elaborado um cronograma que identificava a turma e a hora a que os alunos deveriam responder ao questionário na sala de informática da escola. Os alunos que faltaram nesse dia ficaram automaticamente excluídos da amostra. Assim, trabalhamos com uma amostra de conveniência.

A média de idades dos respondentes foi de 13 anos, tendo os mais novos 10 anos e os mais velhos 18 anos. Relativamente à distribuição dos alunos pelos diferentes anos de escolaridade obtivemos 85 (21,4%) que frequentavam o 5.º ano, 84 (21,2%) que estavam no 6.º ano, 55 (13,9%) que estudavam no 7.º ano, 95 (23,9%) no 8.º ano e 78 (19,6%) que frequentavam o 9.º ano de escolaridade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Início da Educação Sexual em meio escolar

Questionados sobre **quando deveria iniciar-se a ES em meio escolar**, a maior parte dos alunos considerou ser no 2.º CEB (40,3%), seguindo-se o 3.º CEB com 35,5% das respostas, o 1.º CEB recolheu 9,8% das respostas, o Ensino Secundário 8,3% e em último surgiu o pré-escolar com 6% de respostas.

Relativamente à participação em atividades de ES, 102 alunos responderam já ter participado e destes, 93 consideraram que essas atividades foram interessantes (58) ou muito interessantes (35). Os restantes consideraram que foram pouco (5) ou nada interessantes (3). Também houve 82 alunos que consideraram estas atividades esclarecedoras e os restantes consideraram-nas pouco (17) ou nada (1) esclarecedoras.

Procedendo-se ao cruzamento da variável *ano de escolaridade* e *participação em atividades* (tabela 1), verificou-se uma relação de dependência entre ambas, pela realização do teste do qui-quadrado ($\chi^2 = 50,07$; $p < 0,05$).

Foram os alunos do 7.º e 8.º ano que mais referiram ter participado em atividades de ES. Pela análise dos valores de Phi e do Coeficiente de Contingência – 0,35 para ambos – pode concluir-se que esta relação não é forte mas existe.

Tabela 1 – Tabela de contingência entre as variáveis *ano de escolaridade* e *participação em atividades*

Ano	Participação em atividades		Total
	Sim	Não	
5º Ano	5 5.9%	80 94.1%	85 100.0%
6º Ano	9 10.7%	75 89.3%	84 100.0%
7º Ano	22 40.0%	33 60.0%	55 100.0%
8º Ano	41 43.2%	54 56.8%	95 100.0%
9º Ano	25 32.1%	53 67.9%	78 100.0%
Total	102 25.7%	295 74.3%	397 100.0%

Comparando os dados por ciclo de escolaridade, verificou-se que dos alunos que frequentam o 2.º CEB apenas 8,3% disse ter participado em atividades de ES, enquanto 38,6% do 3.º CEB respondeu que já tinha participado em atividades sobre o tema.

3.2. Fontes de informação sobre sexualidade

Quando questionados acerca das **fontes de informação sobre sexualidade** a que costumam recorrer, as respostas dos alunos distribuíram-se de acordo com o observado na figura 1.

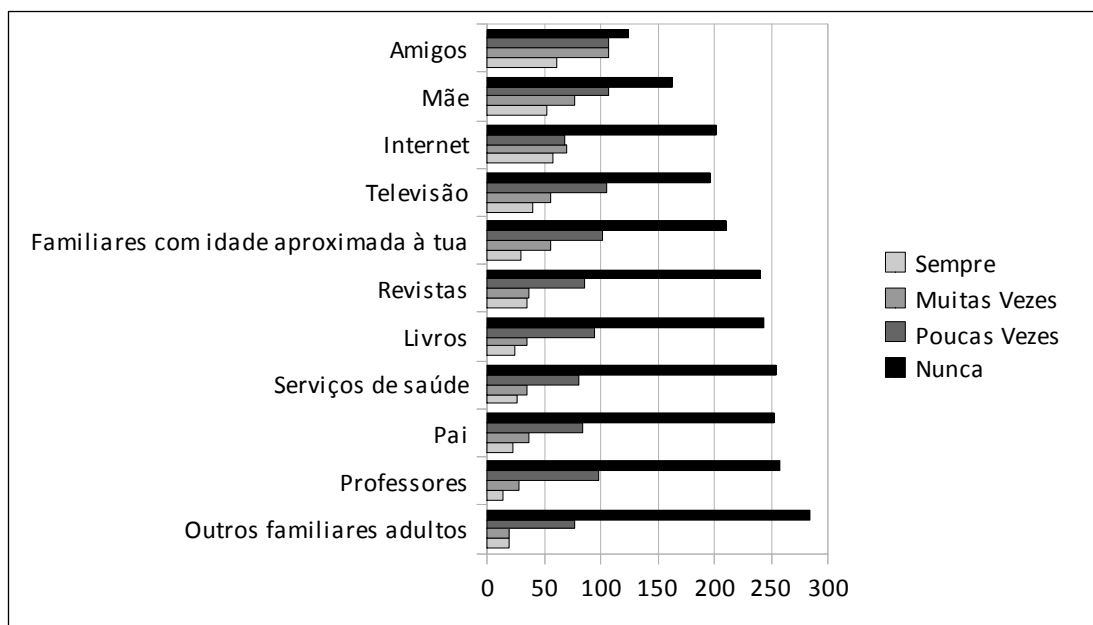


Figura 1 – Fontes de informação sobre sexualidade a que os jovens recorrem

Relativamente às fontes de informação a que os alunos recorrem para esclarecer dúvidas sobre sexualidade, encontrou-se uma relação de dependência quando cruzámos as fontes “pai”, “mãe” e “internet” com o fator sexo (tabela 2).

As raparigas revelaram tendência a preferir a mãe como fonte de informação enquanto os rapazes tenderam a preferir a internet. Foram as raparigas que mais responderam nunca recorrer ao pai como fonte

de informação.

Tabela 2 – Valores do Teste T para o cruzamento entre as variáveis *fontes de informação* e *sexo*

Fontes de informação	Sexo	Média	Teste T	p
Pai	Feminino	3.72	6.919	<0.05
	Masculino	3.15		
Mãe	Feminino	2.77	-3.327	<0.05
	Masculino	3.12		
Internet	Feminino	3.34	5.329	<0.05
	Masculino	2.77		

Escala: 1 – Sempre 2 – Muitas Vezes 3 – Poucas Vezes 4 - Nunca

Comparando as fontes de informação por ciclo de ensino encontraram-se diferenças significativas para algumas fontes (tabela 3).

Verificou-se que os alunos de 3.º CEB escolhem mais os amigos, a televisão e a internet como fontes de informação do que os de 2.º CEB.

Fontes de informação	Ciclo	Média	Teste T	p
Amigos	2º Ciclo	3.08	5.650	<0.05
	3º Ciclo	2.50		
Televisão	2º Ciclo	3.38	3.986	<0.05
	3º Ciclo	2.99		
Internet	2º Ciclo	3.30	3.944	<0.05
	3º Ciclo	2.86		

Tabela 3 – Valores do Teste T para o cruzamento entre as variáveis *fontes de informação* e *ciclo de ensino*

Escala: 1 – Sempre 2 – Muitas Vezes 3 – Poucas Vezes 4 - Nunca

Resultados semelhantes sobre as fontes de informação a que os jovens recorrem foram encontrados por Bleakley e colegas (2009). De acordo com estes autores, as fontes de informação a que os jovens mais recorrem são os amigos, os professores, as mães e os meios de comunicação e informação. Os mesmos também confirmaram que os adolescentes mais velhos recorriam mais aos *media* como fonte de informação do que os mais jovens. Além disso, verificaram que, tal como para a nossa amostra, preferem mais as mães do que os pais como fontes de informação. Bleakley e colegas (2009) concluíram que os jovens recorrem a múltiplas fontes de informação sobre sexualidade e que algumas podem ser mais influentes do que outras e enfatizar diferentes aspetos da sexualidade. Os pais, principalmente as mães, procuram inculcar valores morais. Com os amigos, os adolescentes podem aprender normas sexuais. Para estes autores, as mensagens dos pais, avós e líderes religiosos parecem estar associadas a um adiamento do início das relações sexuais. Aprender sexualidade com os amigos, primos e *media* parece estar associado a um aumento da probabilidade de ter relações sexuais.

Assim, será de todo o interesse conhecer as fontes de informação a que os jovens recorrem, uma vez que, de acordo com Ramiro e colegas (2011), o facto de atualmente ser muito fácil obter informação não garante que a sua escolha seja a correta e que, como tal, as opções dos jovens sejam as mais adequadas.

Relativamente ao papel dos *media* como fonte de informação sobre sexualidade será de notar que, como referem Attwood e Smith (2011), a ES e a literacia dos *media* têm sido cada vez mais encaradas como fatores fundamentais no desenvolvimento do conhecimento sexual dos jovens e no modo como amadurecem as suas identidades sexuais. Para Bale (2011), apesar de os *media* serem citados como influenciando significativamente o comportamento sexual dos jovens, não há estudos suficientes para concluir da sua ação positiva ou negativa. A este respeito, Attwood e Smith (2011) citam estudos de Bragg e Buckingham (2004) que mostram que os jovens se relacionam ativa e criticamente com os *media* e com as ideias sobre sexualidade.

3.3. Papel da escola na Educação Sexual

Sobre o **papel da escola na ES** verificaram-se, na nossa amostra, diferenças nas respostas dadas pelos alunos do 2.º CEB e do 3.º CEB. Assim, os alunos do 2.º CEB foram os que mais concordaram ou concordaram totalmente com a frase “Considero a escola um local onde posso esclarecer as minhas dúvidas sobre sexualidade com confiança” ($\chi^2=17.109$; $p<0.05$), enquanto mais alunos do 3.º CEB concordaram ou concordaram totalmente com as frases “Os professores sabem responder às minhas perguntas sobre sexualidade” ($\chi^2=32.979$; $p<0.05$), “É possível falar sobre Educação Sexual em todas as disciplinas” ($\chi^2=8.969$; $p<0.05$), “Gostava de participar em mais atividades de Educação Sexual na escola” ($\chi^2=12.134$; $p<0.05$) e “As atividades de Educação Sexual devem ser da responsabilidade dos professores” ($\chi^2=26.247$; $p<0.05$). No entanto, quando se aplicou o teste T a estas variáveis não se encontraram diferenças estatisticamente significativas.

Ainda relativamente ao papel da escola na ES também se encontraram diferenças nas respostas dadas por rapazes e raparigas. Foram os rapazes que mais concordaram com a frase “Gostava de participar em mais atividades de ES” ($t=-3.526$; $p<0.05$) e as raparigas com a frase “Os professores sabem responder às minhas perguntas sobre sexualidade” ($t=2.664$; $p<0.05$). As raparigas discordam mais do que os rapazes com a frase “É possível falar sobre Educação Sexual em todas as disciplinas” ($t=-2.942$; $p<0.05$).

3.4. Elementos responsáveis pela Educação Sexual

Quando questionados sobre **quem gostariam que se responsabilizasse pela sua Educação Sexual**, as respostas dos alunos distribuíram-se de acordo com o observado na figura 2.

Verificou-se, uma preferência por elementos exteriores à escola (técnicos de saúde) ou não docentes, como o psicólogo escolar. O elemento do corpo docente que reúne maior concordância dos alunos é o professor de Ciências Naturais.

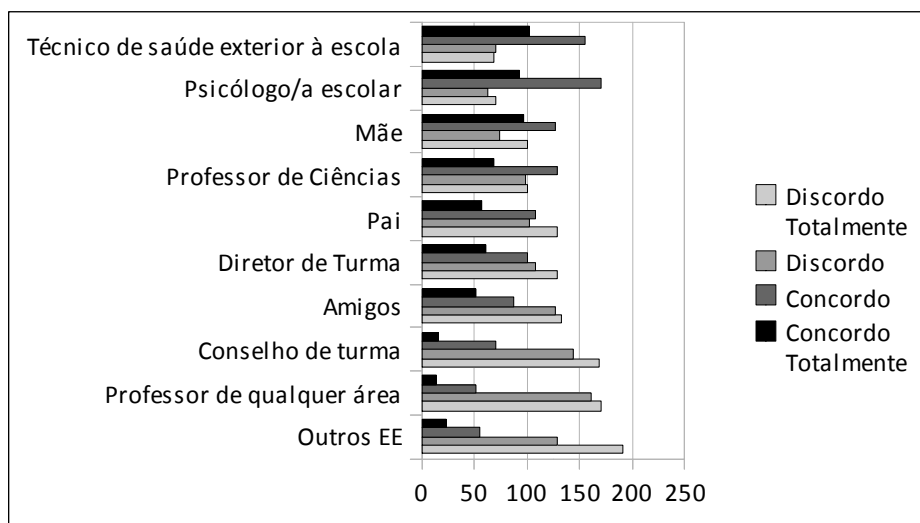


Figura 2 – Grau de concordância sobre os elementos que os alunos gostariam que se responsabilizassem pela sua ES

Ao fazer-se o cruzamento entre os elementos que os alunos gostariam que se responsabilizassem pela sua ES e o ciclo de ensino, verificou-se, pelo teste do qui-quadrado, algumas relações de dependência. Assim, verificou-se que os alunos do 2.º CEB preferem o professor de Ciências e a mãe, enquanto os alunos do 3.º CEB preferem o técnico de saúde e os amigos. Apesar da existência destas associações estas podem ser consideradas fracas, uma vez que nunca se obteve um valor de Phi ou do coeficiente de contingência superior a 0,23. Assim, procedeu-se à realização do teste T, tendo-se obtido a confirmação de que os alunos do 2.º CEB discordaram significativamente mais do que os de 3.º CEB ($t=5.65$; $p<0.05$) que os amigos sejam elementos responsáveis pela sua ES.

Também se encontraram diferenças com significado estatístico entre as variáveis sexo e elementos que os alunos gostariam que se responsabilizassem pela sua ES (tabela 4).

Verificou-se que as raparigas têm maior tendência do que os rapazes para concordar que sejam a mãe e o psicólogo escolar os elementos responsáveis pela sua ES.

Tabela 4 – Valores do Teste T para o cruzamento entre as variáveis *elementos responsáveis pela ES* e *sexo*

El. responsáveis ES	Sexo	Média	Teste T	p
Psicólogo/a escolar	Feminino	2,92	3,951	<0.05
	Masculino	2,53		
Mãe	Feminino	2,72	3,098	<0.05
	Masculino	2,38		

Escala: 1 – Discordo Totalmente 2 – Discordo 3 – Concordo 4 – Concordo Totalmente

3.5. Temas sobre os quais gostariam de saber mais

Uma vez que vários autores (Allen, 2008; Kirby et al, 2006; Mason, 2010) consideram ser essencial o envolvimento dos jovens nos projetos de ES de que serão alvo, decidimos perguntar aos alunos acerca dos **temas sobre os quais mais gostariam de saber**. Foi apresentada aos alunos uma lista de vinte e um temas, selecionados de acordo com as indicações da UNESCO (2009). As respostas dos alunos distribuíram-se de acordo com o observado no gráfico da figura 3.

Os alunos elegeram “adolescência”, “noção de sexualidade”, “relações sexuais” e “diversidade, tolerância, orientação sexual e respeito” como os quatro temas de que gostariam de saber mais. Já os temas “masturbação”, “relações entre pares”, “noção de família e planeamento familiar” e “maus tratos, assédio e abuso sexual” foram os quatro com os quais os alunos menos concordaram que gostariam de saber mais.

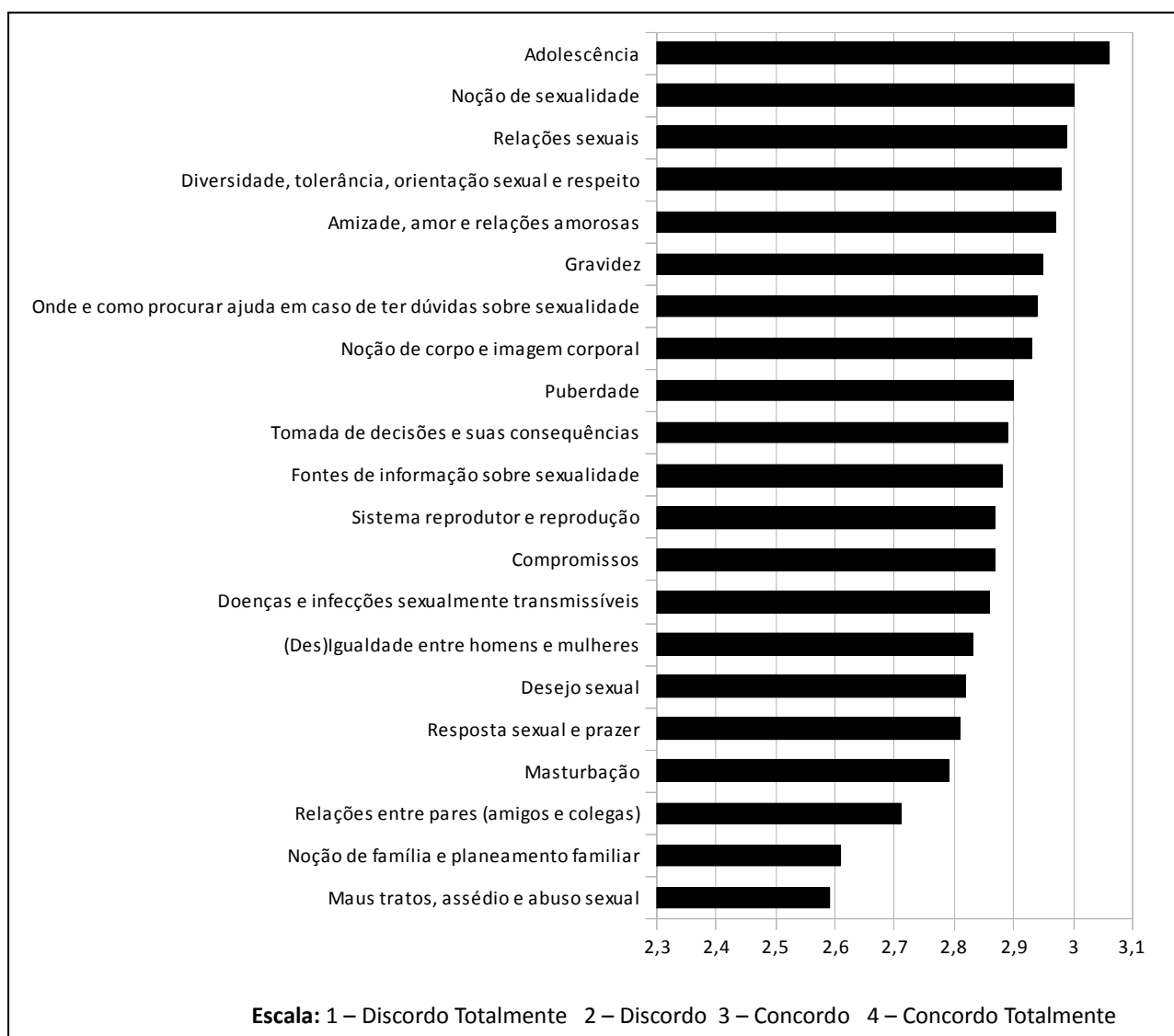


Figura 3 – Temas sobre os quais os alunos gostariam de saber mais

Em relação aos temas propostos, os alunos do 2.º CEB foram aqueles que mais concordaram ou concordaram totalmente que gostariam de saber mais sobre “diversidade, tolerância, orientação sexual e respeito” e “gravidez”. Já os alunos do 3.º CEB concordam ou concordam totalmente que gostariam de saber mais sobre “compromissos”, “maus tratos, assédio e abuso sexual”, “relações entre pares (amigos e colegas)”, “tomada de decisões e suas consequências”, “onde e como procurar ajuda em caso de ter dúvidas sobre sexualidade”, “fontes de informação sobre sexualidade”, “(Des)Igualdade entre homens e mulheres”, “sistema reprodutor e reprodução”, “puberdade”, “adolescência”, “noção de corpo e imagem corporal”, “noção de sexualidade”, “relações sexuais”, “masturbação”, “desejo sexual”, “resposta sexual e prazer”, “doenças e infeções sexualmente transmissíveis”. Os temas “noção de família e planeamento familiar” e “amizade, amor e relações amorosas” recolheram uma percentagem semelhante de respostas *concordo* e *concordo totalmente* nos dois ciclos. No entanto, verificou-se que no 2.º CEB houve mais alunos a responder que discordam totalmente.

Também se verificou, pela análise do teste do qui-quadrado ($p < 0,05$), em alguns casos confirmado pela análise do teste T, uma relação de dependência entre alguns destes temas e o sexo dos alunos (figura 4).

Assim, verificou-se, que os temas “noção de família e planeamento familiar” ($X^2=9.940$), “maus tratos, assédio e abuso sexual” ($X^2=11.217$; $t=3.272$; $p < 0.05$), “gravidez” ($X^2=10.006$) e “doenças e infeções sexualmente transmissíveis” ($X^2=8.367$) recolhem uma maior percentagem de respostas *concordo* e *concordo totalmente* entre as raparigas. Já entre os rapazes, os temas com que concordam ou concordam totalmente que gostariam de saber mais são “relações sexuais” ($X^2=9.745$), “masturbação” ($X^2=10.433$), “desejo sexual” ($X^2=19.012$; $t=-4.037$; $p < 0.05$) e “resposta sexual e prazer” ($X^2=14.167$; $t=-3.280$; $p < 0.05$).

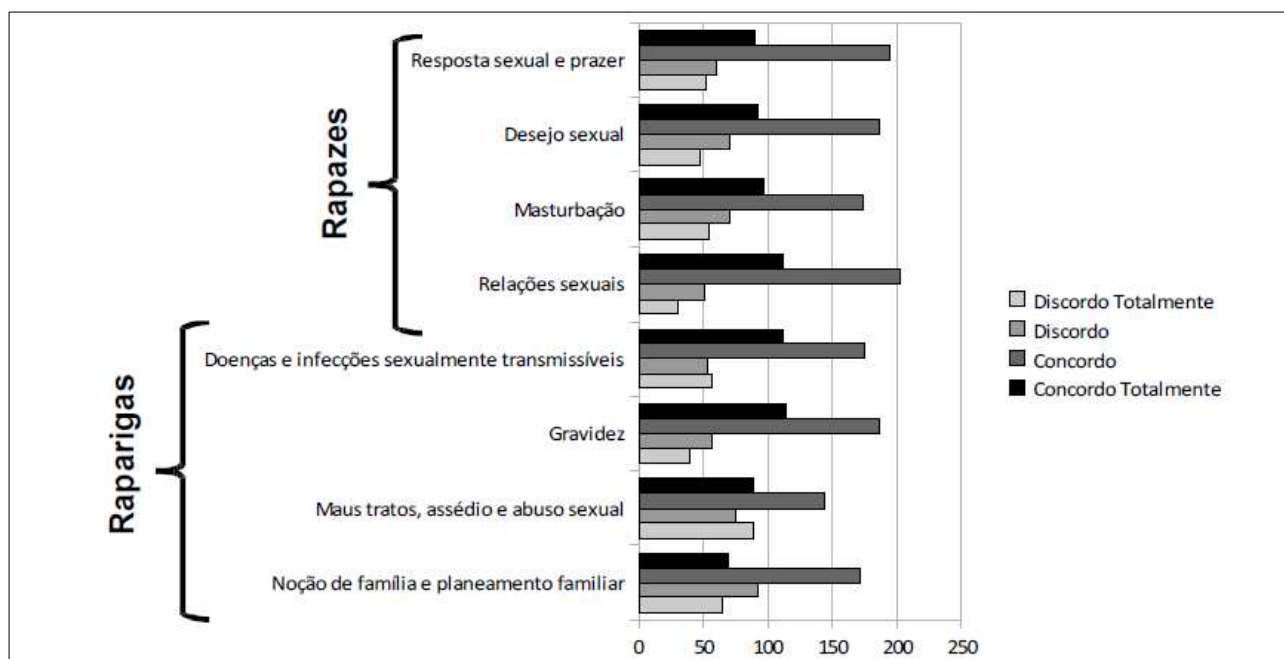


Figura 4– Temas sobre os quais os alunos gostariam de saber mais, distribuídos por sexo

Allen (2008) também identificou os temas *resposta sexual e prazer*, bem como *gravidez*, nomeadamente no que se refere a gravidez na adolescência, como um dos cinco prioritários para os jovens que entrevistou. Esta autora constatou, de entre os projetos de ES que analisou, que são muitos os orientados numa perspetiva biológica procurando diminuir a incidência de comportamentos sexuais de risco. Estes projetos são criticados pelos jovens que se lhes referem como clínicos, des-erotizados e didáticos. Este tipo de discurso protetor não permite que os jovens se posicionem como seres sexuais autónomos e nega-lhes a subjetividade necessária à negociação de práticas de sexo seguro e de experiências sexuais agradáveis (Allen, 2007). Uma das consequências de não se introduzir o tema do desejo e prazer sexual nos programas de ES é a sua sanitarização. O facto de, na nossa amostra, o técnico de saúde exterior à escola ser o elemento com o qual os alunos mais concordam que se responsabilize pela ES, pode estar relacionado com

uma certa falta de resposta da ES realizada em meio escolar. Apesar de ser um profissional que, à partida, possa parecer orientado para a dimensão biológica da sexualidade, poderá surgir aos olhos dos alunos como alguém com uma perspetiva diferente da escolar. Em relação aos elementos docentes, a preferência pelo professor de Ciências poderá estar relacionada com uma maior abertura à abordagem destes temas por parte destes profissionais, o que poderá ser entendido pelos alunos, como um facilitador para aprofundar outros aspetos da sexualidade.

De acordo com os dados recolhidos por Allen (2008) os jovens precisam de mais informação sobre o que fazer e onde procurar ajuda no caso de surgir uma gravidez adolescente e não tanto sobre como a prevenir, uma vez que a prevenção de comportamentos de risco já é amplamente divulgada. De facto, como referem Pinto e colegas (2005), as mães adolescentes têm maior risco de complicações médicas, de dificuldades socioeconómicas e de problemas psicológicos, pelo que necessitaram de um apoio específico. Em 2009, 4,4% do total de nascimentos em Portugal foi de jovens entre os 10 e os 19 anos (INE, 2011), taxa que tem vindo a baixar nos últimos anos. Todavia, este dado é importante do ponto de vista educativo na medida em que uma das consequências da gravidez adolescente é também o abandono escolar, o que tende a agravar ainda mais a situação socioeconómica futura da adolescente.

O facto de as raparigas escolherem o tema “maus tratos, assédio e abuso sexual” como um dos que mais gostariam de saber poderá dever-se à situação de vulnerabilidade deste grupo. De acordo com Johnson (2004) este problema afeta 6-36% das raparigas e apenas 1-15% dos rapazes até aos 16 anos.

4. CONCLUSÃO

É de extrema importância que os projetos de ES em meio escolar considerem as necessidades do seu público-alvo, no sentido de garantir que as intervenções são, de facto, eficazes e que respondem às questões dos alunos, contribuindo para a sua formação pessoal e social.

Apenas vinte e cinco por cento dos alunos que responderam ao nosso questionário referiram já ter participado em atividades de ES em meio escolar e, na sua maior parte, eram alunos do 3.º CEB.

As fontes de informação sobre sexualidade a que estes alunos recorrem são variadas mas as mais frequentes são os amigos, as mães, a internet e a televisão. No entanto, a preferência por determinadas fontes de informação tende a variar consoante o nível de ensino que estes alunos frequentam, bem como com o género a que pertencem.

Na sua maioria, os alunos remetem a responsabilidade de ES para elementos exteriores à escola ou para elementos não docentes como os psicólogos escolares. Os docentes que são mais apontados como podendo ser responsáveis pela ES em meio escolar são os de Ciências Naturais.

Relativamente aos interesses em diversos temas relacionados com a sexualidade também se verificou, na nossa amostra, que estes recolhem preferências diferentes de acordo com a idade e género dos alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, L. (2007). “Denying the sexual subject: schools' regulation of student sexuality”. *British Educational Research Journal*, 33:2, 221-234.
- Allen, L. (2008). “They Think You Shouldn't be Having Sex Anyway”: Young People's Suggestions for Improving Sexuality Education Content. *Sexualities*, 11(5), 573–594.
- Attwood, F. e Smith, C. (2011). “Investigating young people's sexual cultures: an introduction”. *Sex Education*, 11:3, 235-242.
- Bale, C. (2011). “Raunch or romance? Framing and interpreting the relationship between sexualized culture and young people's sexual health”, *Sex Education*, 11:3, 303-313.
- Bleakley, A., Hennessy, M., Fishbein, M., Coles, H., Jordan, A. (2009). “How Sources of Sexual Information Relate to Adolescents' Beliefs about Sex.” *American Journal of Health Behavior*, 33(1), 37–48.
- Grupo de Trabalho em Educação Sexual (2007). *Relatório de Progresso*. Lisboa. Ministério da Educação.
- Guiglione, R., Matalon, B. (1993). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hill, M., Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Johnson, C. (2004). “Child sexual abuse”. *Lancet*, 364, 462–70.
- Jones, T. M. (2011). “Saving rhetorical children: sexuality education discourses from conservative to post-modern”. *Sex Education*, 11:4, 369-387.

Kirby, D., Laris, B., Rolleri, L. (2006). Sex and HIV Education. Programs for Youth: Their Impact and Important Characteristics. *Family Health International*, Scotts Valley.

Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto. *Diário da República*, 1.ª série, N.º 151.

MacDonald, J., Gagnon, A., Mitchel, C., Meglio, G., Rennick, J. e Cox, J. (2011). "Asking to listen: towards a youth perspective on sexual health education and needs". 11:4, 443-457.

Mason, S. (2010). Braving it out! An illuminative evaluation of the provision of sex and relationship education in two primary schools in England. *Sex Education*, 10:2, 157–169.

Pinto, H., Teixeira, E., Silva, C. e Valente, C. (2005). "Gravidez na adolescência". *Saúde Infantil*, 27:1, 39-49.

Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de Abril. *Diário da República*, 1.ª série, N.º 69.

Ramiro, L. Reis, M., Matos, M., Diniz, J. e Simões, L. (2011). "Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes". *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21.

UNESCO (2009). *International Technical Guidance on Sexuality Education. Section on HIV and AIDS - Division for the Coordination of UN Priorities in Education*. Paris: UNESCO.

Vilar, D., Ferreira, P. (2008). *A Educação Sexual dos Jovens Portugueses: Conhecimentos e Fontes*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.